

SINOP, SORRISO E LUCAS DO RIO VERDE: DESENVOLVIMENTO DE MUNICÍPIOS DE PEQUENO E MÉDIO PORTES NA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA BR-163

Eliana Matos Tavares¹
Reginelda Solange Viana²
Rosana Lia Ravache³



RESUMO

Mato Grosso é um Estado grande não só em extensão, mas também em riquezas, cultura e belezas naturais. A pesquisa teve como objetivo mostrar o desenvolvimento de cidades de médio porte ao longo da BR-163, que transformaram a região em um polo do agronegócio com forte desenvolvimento econômico. O crescimento desses municípios está associado à história de pioneiros, imigrantes que deixaram sua cidade de origem acreditando que nesta terra seria possível escrever um novo começo, numa história que iniciou em 1974 e ainda não chegou ao fim. **Palavras-chave:** BR-163, agronegócio, imigrantes.

ABSTRACT

Mato Grosso is a large State not only in length but also in wealth, culture and natural beauty. The research aimed to show the development of mid-sized cities along the BR-163, which transformed the region into an agribusiness hub with strong economic development. The growth of these cities is associated with the history of pioneers, immigrants who left their city of origin, believing that on this earth it would be possible to write a new beginning, in a story that began in 1974 and has not yet reached the end. **Keywords:** BR 163, agribusiness, immigrants.

1 Discente do curso de Serviço Social do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande

2 Pesquisadora, aluna do curso de Serviço Social do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande

3 Professora Doutora e Orientadora da pesquisa do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande

INTRODUÇÃO

Mato Grosso, estado da região Centro-Oeste do Brasil, tem em seu território três biomas importantes: Cerrado, Amazônico e Pantanal. Apresenta grande diversidade de situações ecológicas, sociais, econômicas e culturais. Estão distribuídos, em seus 906.069km, de extensão territorial, 141 municípios, ressaltando que sua população, conforme dados do IBGE⁴ (2010), é de 3.033.991 habitantes.

O vasto território mato-grossense está inserido entre duas das maiores bacias hidrográficas brasileiras: a bacia do Paraguai (bacia do rio Paraná) e a bacia Amazônica. Dos 141 municípios, três chamam a atenção por apresentar uma taxa de desenvolvimento acima da média nacional: Lucas do Rio Verde, Sinop e Sorriso, cujo desenvolvimento econômico se respaldou, principalmente, no agronegócio e no setor de serviços.

Implantados na área de abrangência da Rodovia Senador Jonas Pinheiro (BR-163)⁵, no trecho que liga Cuiabá-MT a Santarém-PA, detêm hoje um dos índices mais altos de desenvolvimento, conforme dados da FIRJAN⁶.

Esta pesquisa procurou conhecer o processo de desenvolvimento desses municípios e avaliar alguns fatores que contribuíram para que se destacassem no cenário nacional.

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

5 A Lei n. 12.131, de 17 de dezembro de 2009, firmada pelo Vice-Presidente da República, José Alencar Gomes da Silva, no exercício do cargo de Presidente da República, denomina o trecho situado entre as cidades de Cuiabá-MT e Santarém-PA da BR-163 como Rodovia Senador Jonas Pinheiro, em homenagem ao senador mato-grossense falecido em fevereiro deste ano. Entretanto, neste trabalho será utilizada apenas a sigla BR-163, por ser popularmente a mais conhecida.

6 Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro de Desenvolvimento Municipal.

A investigação se deu por meio de uma pesquisa dirigida, além de entrevistas “in loco” com pessoas que contribuíram e/ou contribuem para o desenvolvimento local.

LUCAS DO RIO VERDE

Lucas do Rio Verde, a 350 km distante da capital, possui uma extensão territorial de 3.663.994 km² e 45.545 habitantes, de acordo com o censo IBGE (2010).

Suas origens, à luz dos dados fornecidos pela Prefeitura de Lucas do Rio Verde (2013), coincidem com as obras de abertura da rodovia BR-163, pelo 9º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), ligando Cuiabá a Santarém-PA, na segunda metade da década de 1970, quando foram mobilizados os primeiros colonizadores para o médio norte-mato-grossense, uma região de cerrado, distante 350 km da Capital.

Outros grupos provenientes de assentamentos do INCRA⁷ e posseiros formaram a vila que posteriormente se transformaria em município.

Conforme dados da Prefeitura de Lucas do Rio Verde (2013) no dia 4 de julho de 1988, quando conquistou sua emancipação político-administrativa, já contava com 5.500 habitantes. Atualmente, poucas famílias dos assentados continuam com a posse de suas terras. Pressionadas pelas inúmeras dificuldades daquele período, muitas delas desistiram de seus sonhos, ao



7 Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

passo que outras perderam terreno para a agricultura extensiva, que começava a ocupar a vastidão do cerrado.

A agricultura foi o primeiro eixo de desenvolvimento do município, pontuando que o grande avanço ocorreu entre 1986-1997, associado à emancipação política que se deu em 1988. Foi quando houve grande migração de agricultores da região Sul, em virtude de vantagens que lhes foram oferecidas, além de outros fatores que contribuíram para o plantio de grãos, como o preço das terras, a topografia adequada à mecanização, a temperatura média e o elevado número de horas com radiação solar (MARTINS, 2009, p. 5970).

Atualmente o município é responsável por 1% de toda produção brasileira de grãos, embora sua área ocupe apenas 0,04% do território nacional e agora ingressa de vez em seu segundo ciclo econômico, estágio de um processo que evolui desde 2005, com o início da implantação da Usina Hidrelétrica de Canoa Quebrada.

Dados da Prefeitura de Lucas do Rio Verde (2013) dão conta de que este investimento, em operação desde o início de 2007, proporcionou mais 28 megawatts de energia elétrica, e possibilitou a chegada de gigantes da indústria de transformação de alimentos. Em entrevista realizada em setembro de 2012, José Dario, munícipe de Lucas do Rio Verde, declarou que “a cidade de Lucas não tem divisão de classes quando o foco é beneficiar a comunidade; aqui não existe favela, porque temos um planejamento perfeito; as casas que são construídas já possuem toda a infraestrutura necessária”.

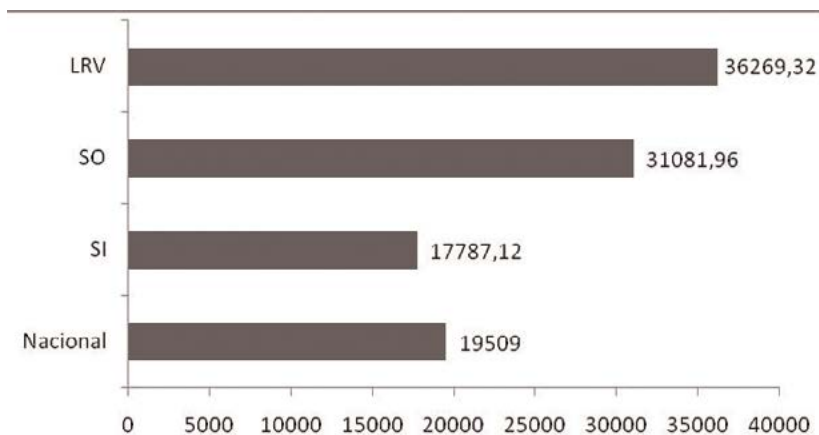


Figura 1 - Ilustração comparativa entre o PIB (produto interno bruto) per capita de Lucas do Rio Verde (LRV), Sorriso (SO), Sinop (SI), em comparação ao valor nacional

Fonte: IBGE – 2010

Este fato é corroborado pelos dados do IBGE (2010), conforme Figura 1, acima, que sinaliza, em relação a este município, um PIB per capita acima da média nacional.

Além da agricultura, outras frentes de investimento merecem destaque no cenário próspero de Lucas do Rio Verde: a suinocultura, bovinocultura e a instalação de uma unidade de abatimento e beneficiamento de aves e suínos.

SORRISO

O município de Sorriso teve sua ocupação iniciada em 197. A princípio, com a colonização de paranaenses e catarinenses, trazidos pela Colonizadora Feliz, tem em sua formação grande parte de gaúchos da região de Passo Fundo. A colonização se acelera rapidamente a partir de 1979, com a criação da Colonizadora Feliz sob o comando de Claudino Francio, pioneiro que, em parceria com o INCRA, assentou colonos oriundos das antigas colônias de origem italiana do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

O colonizador Claudino Francio gerenciou grande quantidade de terras pertencentes a um grupo americano às margens da BR-163, no médio norte-mato-grossense, o que permitiu o loteamento de áreas e implantação do plano-piloto do que hoje é o município de Sorriso.

A pequena agrovila, encravada em pleno cerrado mato-grossense, foi elevada à categoria de distrito, pertencente ao município de Nobres em 26 de dezembro de 1980 e, em 20 de março de 1982, instala-se a subprefeitura no distrito.

Em 13 de maio de 1986, através da Lei 5.002/86, o distrito de Sorriso é alçado à categoria de município, desmembrado que foi de Nobres, Sinop e Diamantino, com área de 10.480 km².

SINOP

Sinop nasce no final de 1960, já principiando a nova década através de projetos de colonização implantados pela política

de ocupação da Amazônia Legal desenvolvida pelo Governo Federal na década de 1970. Assentado em terras adquiridas pela Colonizadora SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná S/A), com sede em Maringá-PR, inicia-se o processo de colonização e fundação da agrovila em 14 de setembro de 1974, com pioneiros oriundos dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Assim, o processo de ocupação da área onde hoje está localizada a cidade de Sinop teve seu nascedouro em 1972, com a criação da Gleba Celeste, incluída como parte do projeto de integração nacional que tornou o Norte de Mato Grosso um verdadeiro “paraíso” para as colonizadoras privadas. (MARTINS e ROMANCINI, 2007).

O projeto toma impulso com o asfaltamento da BR-163, até sua confluência com a rodovia MT-320 (Colider/Alta Floresta), em 1984, consolidando-se em pouco tempo como polo industrial, comercial e de serviços.

Após alcançar sua autonomia política em 17 de dezembro de 1979, Sinop se desenvolveu expressivamente, a ponto de se transformar na capital do “Nortão”⁸, por ter se destacado na economia do Estado, principalmente no setor de beneficiamento de madeira.

Atualmente, o comércio desempenha um papel relevante em diversas áreas de prestação de serviços especializados,

⁸ Título popularmente usado para identificar os municípios que compõem a região Norte do Estado de Mato Grosso.

notadamente na área de comércio atacadista e varejista, considerada uma saída para a crise em que entrou o setor madeireiro, dada a operação Curupira ⁹, no início de 2005.

Esta pesquisa, portanto, pretendia detectar as principais razões do desenvolvimento acima da média nacional destas cidades que encontraram fórmulas próprias para a solução de seus problemas sociais e econômicos, ao longo dos últimos quarenta anos.

O processo em que ocorreu o desenvolvimento das forças produtivas na área de abrangência da BR-163 foi impulsionado pelas redes de serviços articuladas pelo agronegócio e pela expansão dessas redes às mais diversas áreas de prestação de serviços e, mais recentemente, pela indústria de transformação.

9 A Operação Curupira, conforme artigo veiculado pela revista *Veja*, edição 1908 de 8 de junho de 2005, em reportagem de Marcelo Carneiro, prendeu 102 pessoas, entre madeireiros, fiscais do Ibama e outros funcionários públicos, acusadas de colocar abaixo quase 2 milhões de metros cúbicos de árvores em troca de propinas e lucro fácil, só nos últimos dois anos, para engordar o caixa da campanha petista. No comando do roubo da floresta, segundo a PF, estava o número 1 do Ibama em Mato Grosso, Hugo Werle, que coordenou a derrubada ilegal e comercialização da madeira, executada nos dois últimos anos. De acordo com a PF, daria para carregar 66.000 de caminhões; enfileirados, eles ocupariam uma extensão equivalente à distância entre o Rio de Janeiro e Natal. Um dos expedientes usados pela quadrilha para assaltar as florestas, passava por uma ATPF: Autorização para o Transporte de Produtos Florestais, concedido em duas vias aos madeireiros pelo Ibama, onde é descrito o tipo de madeira e a quantidade que cada caminhão está autorizado a transportar. No caso da quadrilha de Mato Grosso, o madeireiro preenchia a primeira via do documento (aquela que acompanha o caminhão com o carregamento de madeira) de uma forma e a segunda (que seguia para o Ibama), de outra. Obviamente, colocava na primeira uma quantidade de madeira sempre superior à permitida. Em um determinado momento, as duas vias tinham de se encontrar no Ibama para conferência. Nessa hora, os funcionários corruptos entravam em ação: simplesmente não conferiam nada e sumiam com a via adulterada. A segunda modalidade de fraude com ATPFs era mais simples. Funcionários do Ibama se limitavam a vendê-las em branco para os madeireiros, a 2.000 reais a folha e estes a preenchiam com a quantidade de carga e tipo de madeira que desejassem, inclusive madeiras nobres cujas árvores demoram de 130 a 200 anos para se regenerar. A PF descobriu ainda a existência de mais de 450 madeiras-fantasma, criadas exclusivamente para ampliar a cota de árvores derrubadas permitida aos empresários. Para atestar a existência de uma empresa inexistente, funcionários do Ibama recebiam de 3.000 a 5.000 reais. Outro ótimo negócio descoberto pela quadrilha consistia em abrir uma empresa de recomposição florestal para compor um esquema triangular de corrupção. Por lei, a madeireira que esgota sua cota de derrubada de árvores pode conseguir autorização do Ibama para cortar mais madeira, desde que contrate uma empresa de reforestamento para aumentar o plantio de árvores em seu terreno. No esquema da quadrilha, a madeireira fingia contratar uma empresa de reforestamento, esta fingia plantar árvores no terreno da empresa e o Ibama fingia que estava tudo certo e, no final, todo mundo levava seu quinhão. Tudo isto fazia parte de uma praga muito mais devastadora para as florestas: a corrupção.

A principal atividade econômica de Sinop, por exemplo, não está mais vinculada ao garimpo ou ao corte de madeira, e sim à prestação de serviços, com grande destaque também no setor pecuário (bovinos e suínos) e, no núcleo urbano, a área de saúde. Lucas do Rio Verde, um dos polos de desenvolvimento agrícola do Estado, é considerado o município que mais colhe soja no país, proporcional a seu tamanho, e também é o maior produtor nacional de milho. A economia do município de Sorriso está diretamente relacionada com o agronegócio, sendo o cultivo da soja a principal atividade.



SINOP SOB A ÓTICA DE SEUS MUNICÍPIES

Pesquisa de campo realizada na BR-163, nas cidades de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde, entre os dias 16 e 23 de setembro de 2012, catalogou dados novos e enriquecedores.

A primeira cidade a ser visitada durante a pesquisa à área de abrangência da BR-163 foi realizada em Sinop, que se tornou um polo de desenvolvimento econômico.

Durante a primeira entrevista, realizada com o Professor Doutor Edison Antonio de Souza, em 16-9-2012, houve o interesse de saber como ocorreu tão rápido o desenvolvimento do agronegócio em Sinop. A isso ele respondeu reportando-se ao ano de 1974, quando a cidade reunia pessoas que vieram de outros Estados, assim como ao pioneiro e proprietário da Colonizadora Sinop, Sr. Enio Pepino. Este chegou à região

onde não havia nenhum recurso, desconhecia energia elétrica, os meios de transporte se faziam precários e o único meio de sobrevivência era o que podiam retirar da mata.

Daí, para desenvolver o comércio madeireiro foi rápido, e cresceu muito até que, em 2005, a fiscalização federal encerrou as atividades ilegais da maioria das beneficiadoras de madeira. Com o declínio da atividade no setor, houve grande onda de desemprego e muitos trabalhadores voltaram às suas origens. Dentre os que ficaram, alguns encontraram outros meios de sobrevivência, tanto no setor terciário como no agronegócio, onde muitos conseguiram se reestruturar.

Para o Professor Edson, deve haver uma preocupação com o crescimento que ocorre em Sinop, pois a cidade não tem, em seu planejamento urbano áreas de lazer para a população jovem que hoje soma aproximadamente dez mil habitantes. Isto faz com que optem por se aglomerar nas ruas do centro da cidade, principalmente nos fins de semana, dada a inexistência de espaços adequados para o desenvolvimento de atividades culturais e de lazer.

Os imigrantes que ficaram para realizar seus sonhos e, por isso, batalharam, não se entregaram às dificuldades. Hoje, depois de terem vencido as vicissitudes, necessitam, para eles mesmos e para seus filhos, áreas onde possam se divertir.

Entre os problemas captados em Sinop, um deles é a infraestrutura do núcleo urbano que está claramente dividida entre pobres e ricos, cada uma das classes sociais em um dos lados da BR-163. Outro é a grande influência que a Igreja exerce sobre as decisões de políticas públicas, articuladas por representantes

do agronegócio que não só elegem como comandam o poder público.

Durante a entrevista realizada em 17-9-2012, o Sr. Leonildo Bares, presidente do Sindicato Rural, deixou claro que, no início, o governo não ajudou em nada a população; deixou todos à mercê do próprio destino, porque os imigrantes chegaram aqui com um sonho: plantar. Eles não tinham nem ideia do tipo de solo da região que foi considerado infértil até pelo INCRA, porque na época, ainda não sabiam da necessidade de calcareamento da terra. Não poucos agricultores voltaram para suas terras de origem, embora houvesse quem continuasse com as tentativas de pátio e acúmulo de dívida. Até mesmo o Banco do Brasil, que financiava estes agricultores, ficava em Rosário Oeste, a muitos quilômetros daqui.

A descoberta da necessidade de calcareamento da terra possibilitou também o desenvolvimento de tecnologias avançadas que trouxeram mais produção, e todos passaram a obter mais lucros com sua lavoura.

Sinop vem passando por mutações radicais desde sua fundação na linha do que afirma o Professor Edison: “Aqui existe um discurso de progresso no qual a mão invisível do Smith aparece; Sinop a capital do Nortão, agora é capital dos conhecimentos, e os políticos falam em faculdades sem se importar com a falta de uma infraestrutura adequada para receber a demanda de estudantes que pretendem trazer para Sinop”.

O próprio setor imobiliário comandado pela Colonizadora Sinop, hoje uma imobiliária de grande porte, afasta para as bordas do perímetro urbano os projetos populares, de modo a

ampliar o núcleo urbano. As áreas mais centrais, vendidas ao setor imobiliário por grandes beneficiadoras de madeira que faliram após a operação Curupira, hoje atendem a projetos de condomínios fechados, dirigidos às classes com maior poder aquisitivo, enquanto as classes menos favorecidas são deslocadas para a periferia.

O que se percebe, nesta área de fronteira amazônica, é um desejo de segurança e proteção cada vez maior por parte das classes mais favorecidas. Assim, mesmo aqueles fazendeiros que adquirem terras num perímetro de até 200 km de distância do núcleo urbano, estão optando por deixar suas famílias na cidade. Por isso, adquirem imóveis de alto padrão na cidade, enquanto eles vão trabalhar nas fazendas e retornam para suas casas nos fins de semana.

Paralelamente a este novo tipo de sociedade, cresce a área comercial. Está se desenvolvendo muito o setor de saúde e educação, considerando que o município é hoje um dos pontos mais visados pelas grandes cadeias de distribuição como ponto estratégico na Amazônia Legal, podendo atender todo o Norte de Mato Grosso e o Sul do Pará.

SORRISO INTERPRETADA POR SEU SECRETÁRIO DE OBRAS

Em entrevista concedida em 19-9-2012, o Secretário Emiliano Preima disse acreditar que Sorriso começou a se expandir a partir de 1980, depois da construção da BR-163. Aos poucos, o município foi desenvolvendo, apesar da fraca

infraestrutura. Água, por exemplo, foi difícil conseguir, até que os pioneiros montaram um equipamento movido por um motor a óleo diesel, com o propósito de transportar água até o núcleo urbano.

Para o Sr. Preima, as pessoas que vieram para o município não entendiam praticamente nada de agricultura; diante disso, houve muita dificuldade não só no campo como ainda para conseguir financiamentos através do Banco do Brasil, que ficava na cidade de Rosário Oeste, a 289 km dali. Não raro, os produtores tinham de esperar durante uma semana em Rosário Oeste, para saber do resultado de suas demandas junto no Banco.

Para a contadora da prefeitura de Sorriso, Maria Inêz Ferlin, o principal objetivo das pessoas que vieram para a cidade era trabalhar e vencer. Na entrevista concedida em 19-9-2012, a contadora explicou que o sucesso sucedeu, porque as pessoas se uniram e montaram mutirões para conseguir praticamente todos os serviços de infraestrutura que existem hoje.

A questão social em Sorriso não é diferente de Lucas do Rio Verde e Sinop, cujas classes sociais vivem visivelmente separadas pela BR-163. A classe menos favorecida fica de um lado da rodovia, e os mais favorecidos economicamente, do outro do lado.

O próprio comércio que atende à classe A, dificilmente abrirá as portas para os moradores “do outro lado da rodovia”, até porque este tipo de comércio é gerenciado por esposas de agricultores bem-sucedidos, cujas lojas de alto luxo podem ser comparadas às melhores lojas dos bairros nobres de São Paulo.

A HISTÓRIA DE LUCAS DO RIO VERDE

Em entrevista realizada em 21-9-2012, o historiador e professor José Dario Munhak relatou que, quando as pessoas chegaram à região, encontraram uma mata fechada. Para ele, esta talvez tenha sido a razão pela qual se apoiaram tanto. Eram poucos vizinhos e um apoiava o outro na luta pela sobrevivência.

De modo geral, as pessoas que afluíram a Lucas do Rio Verde vinham de São Paulo, e dos Estados do Sul do país. O nome do município homenageia Francisco Lucas, seringalista que trabalhou muitos anos naquela região.

Eis o que nos relata o Sr. Antônio Isaac Fraga Lira, imigrante pioneiro, em entrevista realizada em 21-9-2012:

O progresso se deu mais graças à administração do município que trabalha em conjunto com a comunidade; quando o governo criou o assentamento, ninguém em Lucas tinha o documento de propriedade de suas terras. Em 1982 me candidatei a vereador em Diamantino, município do qual Lucas era uma agrovila, porque percebemos que, para desenvolver, precisávamos de um político perto do poder público municipal. Depois, com a chegada do INCRA, as ruas do distrito, começaram a ser asfaltadas, mas a luta foi grande. Só em 1986 conseguimos transformar a agrovila em distrito, e a emancipação como município só veio em 1988. A chegada da tecnologia melhorou muito. Hoje temos consciência de que o futuro de Lucas vai depender de boas administrações municipais.

O planejamento urbano de Lucas do Rio Verde é minucioso e, conforme se constatou, existe uma preocupação muito grande com a construção de moradias populares, em razão do grande número de imigrantes que chega diariamente para trabalhar

nas empresas que iniciaram suas atividades no município, nos últimos cinco anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades que os pioneiros passaram no começo, serviram de estímulo para que vencessem pela persistência. Se hoje alguns gozam de boa situação financeira, isso se deve a muito trabalho e esforço para vencer as vicissitudes.

Para os entrevistados, embora tudo tenha sido muito difícil, fariam tudo outra vez, já que o aprendizado foi grande, e o sucesso alcançado maior ainda.

Hoje, estes municípios de pequeno e médio portes, que fizeram parte desta pesquisa, concentram uma das mais altas rendas per capita do país e, graças à organização social que têm desenvolvido, a tendência é de se manterem no topo desta lista, depois que a indústria de transformação se instalar definitivamente na região.

Muito provavelmente precisarão saber lidar com os problemas sociais que a migração ininterrupta possa trazer ao longo dos próximos anos. Por outro lado, a capacidade empreendedora do poder público precisa se reinventar a cada semestre, à proporção que os desafios da infraestrutura urbana necessária para atender à demanda, estavam sempre à frente das verbas públicas necessárias para enfrentá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Julia Adão; Freire Filho, Osni de Luna (Orgs). **Geografias da soja: BR-163 fronteiras em mutação**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005

HUBER, Anton. **Tempestade no cerrado**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010

MARTINS, Vagner Azarias. Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil, 25-30 abril, 2009. INPE, p. 5965-5972.

MATO GROSSO. Prefeitura de Lucas do Rio Verde. **Dados sobre o município**, Assessoria de Comunicação, 2012.

MATO GROSSO. Prefeitura de Sinop. **Dados sobre o município**. Secretaria Municipal de Planejamento, 2012.

MATO GROSSO. Prefeitura de Sorriso. **Dados sobre o município**. Assessoria de Comunicação, 2012.

SANTOS, Luiz Erardi. **Raízes da história de Sinop**. Sinop: Santos, F.E.Luiz, 2011

SILVA, Ligia Osorio. **Terras devolutas e latifúndio**: efeitos da lei de 1850. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008



70

Meio Ambiente, Desenvolvimento Regional e Educação

7

Caderno de Publicações